

Magnífico Reitor, Digníssimas Autoridades, Senhores Doutores e Estudantes, Minhas Senhoras e Meus Senhores:

A Universidade de Coimbra veste as suas galas para uma cerimónia solene de doutoramento *honoris causa*. Pompa a sublinhar o alto significado académico que se reserva para esse tempo de gáudio colectivo de uma comunidade ordinariamente metida consigo e pouco dada a manifestações colectivas de alegria. Porém a cooptação de um novo membro e o seu acolhimento pelos seus pares merecem há muito essa festa em que nem falta a música da charamela, nem os enfeites dos lauréis nos ferros da Via Latina, nem se dispensa o toque dos sinos da velha torre.

Estamos entre nós, mostramo-nos nas nossas mais garridas galas, fazemos pausa nos nossos trabalhos de investigação e ensino. Simplesmente, solicitamos e aguardamos que Vossa Excelência Senhor Reitor proceda à plena integração na Universidade de Coimbra de alguém a quem queremos desejar as boas vindas e agradecer-lhe por vir enriquecer a nossa comunidade estudiosa.

Desta feita, e por proposta da Faculdade de Economia, é a vez de se imporem as insígnias doutorais ao Senhor Amartya Sen, economista ilustre, doutor por Cambridge e depois professor em algumas das mais prestigiadas universidades do Mundo, como o MIT, Berkeley, Stanford, Cornell, Nova Dehli, Londres, Oxford e Harvard, que deste modo queremos homenagear. A apresentá-lo para servir de caução da sua alta qualidade e mérito académico vem o Senhor António Manuel de Oliveira Guterres, actual Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados. Uma personalidade ilustre do domínio do pensamento económico traz como apresentante uma personalidade conhecida no campo da política e dos poderes públicos. Ligação que não é de hoje.

Há muito que o apresentante é um conhecedor da obra do doutorando e sem dúvida atento à teoria da escolha social no cerne da economia política. Bem longe da pretensa ciência económica isolada da sociedade e da necessária correcção de caminhos e de opções. Já em 1999 se lê em livro da autoria do Eng. António Guterres: “Amartya Sen, o Prémio Nobel da Economia de 1998, põe a tónica na procura do bem-estar, ligado à expansão das liberdades

individuais e das escolhas de vida, como um fim ou como um bem a atingir.” Para ele, “o estudo da economia, ainda que ligado de forma imediata à conquista da riqueza está ligado, numa perspectiva mais funda, com outros estudos que consistem em promover objectivos mais fundamentais.” E conclui: “Devemos compreender esse facto na política de hoje.” Assim, há bem uma dúzia de anos o apresentante nesta cerimónia debruçava-se sobre uma obra crucial do nosso tempo e tomava para si uma citação do pensamento do doutorando de hoje. Bela conjugação, que a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra se compraz em recordar e mostrar. Que os bons espíritos se encontrem ao abrigo do saber académico não é despidendo.

Nascido em Lisboa em 1949, António Guterres foi brilhante aluno no ensino secundário tendo alcançado um prémio nacional; licenciou-se com as mais altas classificações em Engenharia Electrotécnica pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa onde leccionou por algum tempo como assistente de Física, tendo porém deixado uma promissora carreira académica pela vida política a partir de 1974. Antes tinha militado em organizações sociais ligadas à Acção Católica, e foi depois deputado por Castelo Branco, distrito de origem familiar, passou por gabinetes ministeriais, foi colaborador próximo de Mário Soares e de Francisco Salgado Zenha, conquistou a liderança do Partido Socialista até se guindar em 1995 à posição de Primeiro-Ministro, chefiando os XIII e XIV governos constitucionais como resultado de vitórias eleitorais do partido de que era Secretário-Geral. Também, de 1999 a 2005, presidiu à Internacional Socialista em período em que essa organização internacional gozou de notável prestígio. Desde então está como Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados. Este o esquemático resumo de um percurso político e pessoal em que foram atingidos lugares cimeiros de decisão e de possibilidade de intervenção determinantes na sociedade. E a assunção de elevadíssimas responsabilidades para que se encontra dotado como humanista e homem de grande empenhamento social.

O Engenheiro António Guterres tem-se destacado como um político de rara qualidade: porque o cidadão que hoje apresenta Amartya Sen à Universidade de Coimbra é, antes de mais, um homem de cultura. O que merece ser devidamente salientado porque não é comum poder-se avançar com esta

caracterização de um político como sendo alguém dotado de curiosidade intelectual e capaz de se dedicar a saberes desinteressados e dirigidos à compreensão de múltiplos territórios da realidade. Ora nesta procura de inteligência da vida e das sociedades, António Guterres pode ser tido sem qualquer restrição como um político culto. O que de quando em vez acontece na política portuguesa. Para evitar melindres, permito-me referir apenas dois outros políticos já desaparecidos, por igual dotados dessa abrangência de conhecimento. Refiro-me a Mário Sottomayor Cardia e a Francisco Lucas Pires. Pudéssemos nós confiar em que a vida política atraísse pessoas cultas... Talvez as coisas fossem diferentes, como diferente e seguramente melhor seria o mundo se as pessoas soubessem e pudessem mergulhar na cultura e na arte e integrar vivências estéticas que provocassem essa “metamorfose do olhar” de que falava André Malraux. Transformação ou metamorfose também do pensar e do agir para continuar parafraseando o autor da *Condição Humana* que António Guterres citou em escrito seu. O mundo marcado por manifestações culturais seria outro, diz-nos o homem culto que é António Guterres, as coisas seriam decerto diferentes. Porque, e continuo a citar o apresentante de Amartya Sen, “a melhor vacina contra a guerra está na cultura e na arte.” Ou, dito de outro modo, se os povos se comprazem na fruição da beleza não irão dilacerar-se em combates fatais.

Apetrechamento cultural e conhecimentos elaborados que transparecem da sua forma de pensar e de actuar, como daquilo que o caracteriza quase sem par entre nós, que é a forma de falar, de expor um assunto, de transmitir ideias. Poder-se-á dizer sem qualquer possibilidade de erro – e como se disse em tempos do grande tribuno republicano que foi Leonardo Coimbra –, que o verdadeiro António Guterres é o António Guterres a falar. É notável a qualidade da sua eloquência, baseada nessa abrangente visão cultural e na sabedoria de quem sabe o que quer e o que deve fazer porque para isso se preparou. Porém não é apenas uma visão do mundo e da vida que caracteriza a sua oratória, escorada que se afirma num sonoro sentido da frase e num explorado ritmo de linguagem, com um timbre e uma modulação da voz que raros possuem. António Guterres é um orador da mais apurada qualidade, da mais requintada sensibilidade.

Mas ser um orador, um grande orador, não é apenas uma aparência de eloquência, nem sequer apenas uma sonoridade agradável ou arrebatadora. Para se ser um grande orador político há que ter ideias claras e distintas, devidamente articuladas e que sustentem uma sentida vontade de fazer o que se deve em benefício da colectividade. Não faltam esses elementos à privilegiada mente do apresentante de Amartya Sen. António Guterres propõe que se consiga um “melhor Estado”, “regulador e solidário”, que se mostre activo e atento no “assumir das responsabilidades sociais e no combate à injustiça e à exclusão, jogando o seu peso do lado dos mais fracos.” Mas isso não seria atingível sem as novas ou renovadas áreas de intervenção em que se empenhou quando teve a presidência do governo: a cultura (que voltou a ser ministério), a ciência (pela primeira vez uma pasta governamental), o ambiente, a tecnologia, uma nova política para as cidades. Como a paixão pela educação que quis que marcasse a sua governação. Novas visões, novas disciplinas para uma intervenção social que não pode consentir ser abafada por passadismos ou tradicionalismos absurdos. Porque é possível mudar. Criando uma nova esperança às pessoas, pessoas que devem ser “o centro inspirador de toda a acção política.”

Procurando em textos seus as ideias de base em torno das quais se articula o seu pensamento e se expressam as suas propostas de acção, encontro talvez a chave nas expressões de *consciência social* e de *solidariedade social* ou *solidariedade cívica* ou ainda *ética social emancipadora* como recorrentemente escreve. A marca humanista da solidariedade que considera o mais difícil dos objectivos a atingir, pois que não se pode impor como cultura, mas de que se podem dar exemplos: “combate ao desemprego e à pobreza, solidariedade entre as gerações, solidariedade entre as regiões, solidariedade entre as mulheres e os homens nas oportunidades de intervenção política, e na partilha das familiares e profissionais.” Solidariedade, sempre.

A personalidade que hoje ocupa o cargo de Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados não poderia deixar de considerar a solidariedade como central no seu pensamento. Noção e prática de solidariedade que lhe serve de escopo para muitas das suas propostas. Solidariedade, mas não só. Em resumo que o próprio António Guterres faz dos seus ideais, podemos ler: “saibamos regressar, com realismo e percepção do horizonte generoso da

utopia, às grandes causas, porque a humanidade espera de nós a audácia, a imaginação, o rigor, a exigência e a responsabilidade que permitam ligar a riqueza das iniciativas, a mobilização das energias e o equilíbrio fecundo entre liberdade e igualdade.” Ou, dito de outro modo, “combate pacífico pela liberdade e pela solidariedade, pela dignidade humana e pela justiça [...]” Que de outro modo afirmará que se trata de conseguir um grande desígnio social pela “cultura da responsabilidade, o respeito dos direitos e deveres de cidadania, mais do que o assistencialismo ou o garantismo”, constituindo a “base de organização de uma sociedade civil livre, activa e emancipada.”

Grandes utopias, grandes utopias indispensáveis como ideais de que nos podemos e devemos aproximar, grandes manifestações de vontade de alcançar que há que transmitir à sociedade para que as faça suas e procure levá-las à prática. Grandes desígnios, com plena consciência da responsabilidade que cada um assume no colectivo do grupo, sejam eles o local como o universal. Ou como o “universal” querido e tomado como “local sem paredes” de que nos falava Miguel Torga. Por seu lado e na esteira dessa grande figura da cultura portuguesa com quem amiúde privou, António Guterres expressará: “Pensar global, agir local.”

Por detrás de uma programação política ou de uma proposta de intervenção social deve haver ideias. Ideias cuja concretização por vezes exigem adaptações e o sentimento da possibilidade de recepção existente na sociedade. Para usar uma expressão popular, em vão se tenta pôr o carro adiante dos bois. Porque um dos segredos da política é saber intervir a tempo, nesse tempo que o político ou consegue adivinhar o que está maduro e expectante para uma determinada actuação ou falha por inoportunidade e conseqüente rejeição. Embora: fora da governação, e mesmo quando não se consigam de imediato realizar os propósitos generosos de transformação, há que persistir para que os que necessitam da nossa solidariedade dela possam vir a beneficiar. Solidariedade de gestos, de comportamentos, de atitudes, de vontades. Em que se opera com “uma lógica humanizada, que põe as pessoas em primeiro lugar.” Ou, como António Guterres disse de outro modo, conduzindo “políticas económicas sólidas e sãs.” Sãs, sim, não abstractas “mas com preocupações de cariz social. Políticas que tenham em conta as necessidades das pessoas,

sobretudo das mais vulneráveis. Políticas com um objectivo de justiça social e pleno emprego.” Assim poderemos enfrentar o nosso destino colectivo, sempre numa perspectiva solidária. Sempre.

Uma dúzia de anos passaram sobre os textos reunidos por António Guterres em *A pensar em Portugal*, nesse seu “combate pacífico pela liberdade e pela solidariedade, pela dignidade humana e pela justiça.” A sua leitura mostra que infelizmente não perderam actualidade, senão em muitos casos ganharam em urgência de concretização os alertas que nesses escritos se contêm. Escritos que significativamente trazem como epígrafe um belo dizer de John F. Kennedy: “Se uma sociedade livre não pode ajudar os muitos que são pobres, não pode apoiar os poucos que são ricos.” Sempre presente, pois, o princípio de que o saber económico se deve aprofundar na explicação e compreensão da realidade social e deve ser posto ao serviço da sociedade como um todo, corrigindo abusos, promovendo a discriminação positiva que permita uma aproximação à igualdade estrutural de todos os seres humanos. O mesmo afinal que na sua longa e profícua obra tem sido desenvolvido pelo mestre Amartya Sen, para quem vimos pedir a imposição do grau de doutor pela nossa Universidade.

Senhor Reitor:

Perante Vossa Excelência soube o Senhor Amartya Sen na sua breve e elegante oração mostrar à evidência o mérito que a Faculdade de Economia nele reconhece ao propor que lhe seja conferido o grau de doutor. A presença como seu apresentante do Senhor António Manuel de Oliveira Guterres é garantia de que a colação do grau é um acto que prestigia a Universidade de Coimbra. Isso nos honra e cremos que contribuirá para melhorar o nosso trabalho em prol da Academia e do País que queremos ser.

Coimbra, 13 de Março de 2011

Joaquim Antero Romero Magalhães

Professor Catedrático da Faculdade de Economia da Universidade
de Coimbra